

PASSEIO SEM RUMO POR ALGUMAS RUAS DE CAMPINAS

Aristides Monteiro

Em 1972, no Rio de Janeiro, um outono complacente afastara as nuvens e pintara o céu de um azul puríssimo e liso, cheio da alegre luminosidade do sol de maio. Lembrei-me do céu de Campinas. Foi assim nessa cor gloriosa que ele ficou gravado na paisagem de minha infância, cobrindo um mundo de recordações.

Num gesto de saudade estendi sobre a mesa um mapa da cidade e num divertido exercício de imaginação pus-me a passear pelo labirinto de seus logradouros, em busca de ruas cujos nomes me fossem amáveis.

Instintivamente procurei o lugar onde nasci, no longínquo ano de 1903. A casa ficava na Rua Barão de Jaguará, contígua à esquina da Rua da Conceição; vizinhava com um ringue de patinação que depois de sucessivas reformas se transformou no Teatro Ringue (1906); ali, além de peças teatrais, dramas, comédias, operetas e até óperas, se exibia também cinema mudo a partir de 1909; cinema sonoro de 1929 em diante, remodelado em 1940; desabou numa tarde trágica de 1951. Frequentei-o desde menino, até, 1925, quando deixei Campinas.

A rua já era calçada e em frente a nossas janelas passava, canalizado e subterrâneo, o córrego do Tanquinho, assim denominado por nascer no antigo largo desse nome, atual praça do Pará. Em minha infância ouvi muitas histórias a respeito desse largo, pois boa parte de sua área pertencera por herança a um Ferreira Pires, avô materno de meu pai que ali brincara quando menino.

A atual Rua Barão de Jaguará chamou-se primeiramente Rua de Cima e finalizava um pouco acima do largo do Tanquinho; teve, depois, o nome de Rua Direita. Nela residiam meus avós paternos, num sobradão que se erguia, no lado par, entre a Rua Formosa (depois Conceição) e a Rua do Góis (depois César Bierrenbach). Ali nasceu meu pai em 1871. Recordo-me nitidamente desse vetusto edifício, que ainda se conservava de pé até pouco depois de 1930.

Mas deixo minhas origens para perder-me no emaranhado decorrente do prodigioso aumento da área urbana campineira, onde no transcurso deste meio século floresceram profusamente novos bairros, jardins e vilas, com suas inumeráveis ruas cujas denominações homenageiam vultos históricos e perpetuam nomes daqueles a quem o povo quis patentear seu apreço ou gratidão.

Procuro nomes de poetas campineiros para reencontrar amigos que já se foram e também aqueles das gerações passadas, cujos versos conheci.

Lá no Jardim São Vicente, também chamado Jardim São Gabriel, uma rua ostenta o nome de Pedro Taques de Almeida Alvim. Seria o poeta ou seu pai homônimo? O pai exerceu em Campinas vários cargos de eleição popular e faleceu em 1869 no posto de tenente-coronel da cavalaria de milícias, agraciado com a mercê de cavaleiro da Ordem de Cristo. Em 1817 ainda era alferes e foi padrinho de batismo de minha bisavó paterna, Teolinda Pires Monteiro. Com toda a certeza o nome da rua é em sua homenagem; mas não seria de estranhar se a intenção se inclinasse para Pedro Taques de Almeida Alvim, o moço, nascido em 1824 e falecido em 1878, pois este foi um dos primeiros poetas campineiros conhecidos, antes da existência da imprensa local. A este se liga por parentesco outro poeta que dá seu nome à Avenida João Batista Morato do Canto, localizada no Parque Industrial (Vila Anhangüera).

Na Vila Industrial, a importante Rua João Teodoro lembra o fundador do primeiro jornal da terra, a **Aurora Campineira**. Foi poeta satírico, e não era campineiro, pois nasceu em Santos em 1834. Mas a homenagem foi sem dúvida endereçada ao jornalista e muito justamente.

Na Vila Marieta, uma Rua Morais Navarro parece referir-se a João Gabriel de Morais Navarro, nascido em Campinas em 1836 e falecido em 1889. Advogado, jornalista e poeta, foi o criador da crônica social propriamente dita na imprensa local. Mas à semelhança do caso anterior a honraria foi prestada ao jornalista.

Surge agora a importante Av. Francisco Glicério, antiga Rua do Rosário, a atestar a gratidão de Campinas a seu dileto filho que se tornou um dos mais eminentes vultos da República. A homenagem foi evidentemente ao grande homem público falecido em 1916; mas é oportuno salientar que foi um bom poeta nos tempos de mocidade.

E a Rua Doutor Quirino? No centro da cidade, antiga Rua do Meio, depois Rua do Comércio até receber a atual denominação, foi destinada a perpetuar o nome do Dr. Francisco Quirino dos Santos, cidadão dos mais ilustres, nascido em 1841 e falecido em 1886. Foi o primeiro poeta campineiro notável, com renome consagrado desde São Paulo, onde se formou em direito, e festejado jornalista. Retornou à sua cidade natal já célebre e então foi político, advogado, romancista, dramaturgo e historiador local, fundador da **Gazeta de Campinas**, em 1869. Um de seus irmãos, João Quirino do Nascimento, campineiro nascido em 1842 e falecido em 1871, foi também apreciado poeta e excelente jornalista, um dos redatores da **Gazeta de Campinas**, que ajudou a fundar. A rua que o evoca situa-se no Jardim Boa Esperança.

Pela Vila Marieta corre a Rua João Egídio, poeta e jornalista nascido em Campinas em 1850 e falecido em 1905.

No mesmo bairro situa-se a Rua Hipólito Silva, homenagem a outro campineiro nascido em 1858 e falecido em 1909. Poeta de grande sensibilidade, aproveitou substancialmente sua veia satírica e, neste terreno, foi notável. Foi um dos campeões do abolicionismo e pertenceu à Academia Paulista de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Uma rua da Vila Industrial traz o nome de Antônio Sarmiento, cujo renome vem de suas atividades jornalísticas, mas que na mocidade foi poeta e também por isso deverá ser lembrado. Não de outro modo Henrique de Barcelos; a rua com seu nome liga a Av. Francisco Glicério à Rua José de Alencar. Não era Campineiro, pois nasceu em Portugal em 1854; tornou-se, porém, um dos maiores jornalistas de Campinas, onde faleceu em 1911. Na mocidade foi poeta no grande estilo romântico da primeira fase de Vítor Hugo.

No São Bernardo traçou-se uma rua com o nome de Paulo Lacerda, poeta, que em 1892 fazia versos satíricos. Foi também jornalista e colaborou no **Diário de Campinas** entre 1885 e 1901.

Rodolfo Noronha foi outro poeta lembrado numa rua da Vila Auxiliadora, talvez mais como professor ou jornalista. Pertenceu ao corpo docente do Ginásio de Campinas de 1898 a 1900.

A Rua César Bierrenbach, antiga Rua do Góis, bem no centro da cidade, evoca a ilustre figura do Dr. João César Bueno Bierrenbach, campineiro nascido em 1872 e falecido em 1907, um dos mais vigorosos talentos de seu tempo. Foi poeta festejado, mas acima de tudo notável tribuno, jornalista admirável, escritor erudito e professor emérito.

Na Vila Itapura, um dos grandes literatos brasileiros empresta seu nome a uma das ruas: Coelho Neto, maranhense, que de 1901 a 1906 foi oficialmente lente de literatura no Ginásio Estadual de Campinas, embora ele próprio, talvez por lapso de memória, tenha escrito na velhice que só residira em Campinas por três saudosos anos. Foi um dos fundadores e o responsável pela denominação do Centro de Ciências, Letras e Artes. Primoroso poeta em seus primeiros tempos e romancista fecundo, pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Um dos fundadores dessa Academia, também poeta, era campineiro nascido em 1866 e chamava-se Rodrigo Otávio; seu nome figura numa das ruas do bairro do Botafogo.

Raul Soares de Moura, que foi promotor público em Campinas, era grande conhecedor do nosso vernáculo e escrevia primorosos versos. Desgostoso pela perda de sua esposa, deixou Campinas e voltou

para Minas Gerais, seu estado natal, do qual chegou a ser presidente, depois de brilhante carreira política. Campinas homenageou-o, dando-lhe o nome a uma rua do Jardim Aurélia.

No Jardim Boa Esperança há uma rua chamada Prof. René de Oliveira Barreto, em homenagem ao campineiro que se tornou notável pedagogo; foi educado em São Paulo, onde quase sempre residiu. Mas durante algum tempo morou em Campinas, onde nasceu em 1872 e foi professor da antiga Escola Complementar, depois transformada em Escola Normal. René Barreto, conquanto escrevesse poucos versos, foi poeta irrepreensível não só pela perfeição da forma como pela correção da linguagem. Faleceu em 1916.

No Cambuí, ligando as ruas Coronel Quirino e Severo Penteado, existe a Rua Joaquim Gomes Pinto, campineiro nascido em 1862. Foi austero magistrado, mas desde muito moço se dedicou às letras e ao jornalismo. Excelente poeta, escreveu um poema intitulado **Campinas**, festejadíssimo na época e até hoje mencionado pelos historiadores campineiros, pelo seu poder descritivo.

Notável poeta campineiro, autor de um soneto que ficou célebre em todo o Brasil, foi Antero Bloem, nascido em 1878; o soneto foi **O Cristo de Marfim**. Pouco viveu em Campinas e foi jornalista e funcionário público em São Paulo. Desta vez a homenagem da cidade foi ao poeta, cujo nome completo era Antero Augusto de Albuquerque Bloem, e assim se denominou a rua localizada no Jardim Leonor. Faleceu no Rio de Janeiro em 1919.

No distrito de Sousas inaugurou-se uma rua com o nome de Antônio Carlos Couto de Barros, campineiro, que se tornou conhecido no mundo das letras por ser um dos fundadores da revista **Klaxon**, na capital paulista em 1922, destinada a incentivar o movimento modernista nos moldes preconizados nos três ruidosos festivais celebrizados com o nome de Semana de Arte Moderna. Era poeta e jornalista; privava da intimidade de outro grande poeta conterrâneo: Guilherme de Almeida.

Arnaldo Simões Pinto, campineiro, mas desde cedo morador em São Paulo onde fez toda sua carreira, foi um dos melhores poetas de sua geração. Naquela capital dirigiu a revista intitulada **Vida Moderna** e era tido como mestre e orientador dos moços que tentavam carreira literária. O grande Guilherme de Almeida confessava ter-se aperfeiçoado na métrica (em que foi exímio) com seu conterrâneo Arnaldo Simões Pinto, cujo nome se acha perpetuado em uma das ruas do Jardim Santa Eudóxia.

No Parque Taquaral é lembrado em uma das ruas o nome de Basílio de Magalhães, mineiro ilustre, de excepcional cultura e de erudição invulgar, orador, conferencista e um dos mais honestos cultores da Histó-

ria, matéria de que foi catedrático no Ginásio Estadual de Campinas, de 1901 a 1912. Na mocidade foi poeta brilhante, mas a homenagem se destinou ao professor e ao sábio.

Estamos notando que os professores e os jornalistas, campineiros ou ádvenas, que em Campinas exerceram sua profissão sempre foram homenageados pela Câmara Municipal nas placas designativas dos logradouros da cidade. Os poetas foram quase esquecidos e, quando figuram nesses preitos, não são lembrados por sua arte e sim por outras atividades ou funções que desempenharam, notadamente o jornalismo e o professorado. Neste caso, está Benedito Sampaio, que não era campineiro, mas em Campinas foi professor de língua portuguesa. Prosador corretíssimo e inspirado poeta, premiado pela Academia Brasileira de Letras, faleceu em 1965 e foi dado seu nome a uma rua situada no Parque São Quirino.

Cândido Gomide foi engenheiro em Campinas e pouca gente sabe que na mocidade compôs apreciáveis versos. Deu nome a rua no Guanabara. Outro engenheiro e poeta, Carlos Stevenson, nascido no Maranhão em 1869 e falecido em 1946 em Campinas, onde residiu por muitos anos, é lembrado numa rua da Nova Campinas.

Agora, um poeta autêntico, homenageado exclusivamente por sua arte, como no caso de Antero Bloem: foi ele Ernesto Barreto e seu nome figura numa das ruas da Vila Horácio Tulli (Jardim Okita). Campineiro nato, nasceu em 1885. Inspiradíssimo e cheio de arroubo, já compunha versos perfeitos aos dezoito anos de idade. Sua arte sensibilizou profundamente a sociedade de seu tempo. Apesar de contemporâneo, não o conheci pessoalmente, pois passou os últimos anos de sua vida fora de Campinas. Suicidou-se no Rio de Janeiro em 1922.

A Rua Francisco Morais Júnior, no Jardim Leonor, lembra-me um poeta campineiro, Francisco José de Morais Júnior, que em 1928 faleceu antes de completar trinta anos de idade. Seria o homenageado ?

Outro que morreu moço, com 23 anos de idade, em 1918, foi o poeta e professor Heitor Mayer, que não era campineiro. Fica no Guanabara a rua que tem seu nome.

Mais um professor, português de nascimento, Miguel Homem Pinto de Carvalho, que por vários anos lecionou em diversos colégios campineiros e faleceu em 1934. Como conheço poesias de sua lavra, recordo-me aqui do poeta, mas a Câmara Municipal de Campinas visou ao professor quando denominou Rua Prof. Miguel de Carvalho um dos logradouros do Jardim Bela Vista.

Paulo Florence é nome de vários ilustres filhos de Campinas e essa homonímia pode causar confusão. Assim, a Rua Dr. Paulo Floren-

ce, situada na Vila Itália, pode evocar ao mesmo tempo um advogado, um músico e um poeta. Houve o Dr. Paulo Machado Florence, promotor público até 1901 em Campinas, onde depois abriu banca de advocacia. Mas pode tratar-se do musicista notável e executor apreciadíssimo, cujas composições genuinamente clássicas o colocaram entre os grandes de sua época, segundo as crônicas especializadas do país. O conhecido crítico musical Andrade Murici, do Rio de Janeiro, sobre ele escreveu confirmando-lhe o renome. E houve também o poeta Paulo Machado Florence que tem um soneto datado de 1904, catalogado por Benedito Otávio em sua coletânea de **Sonetos Campineiros**. Seriam os três a mesma pessoa, ou apenas parentes próximos ?

A Rua Vieira Bueno, no Cambuí, traz-nos à lembrança a veneranda figura do Dr. Francisco de Assis Vieira Bueno, vulto eminente do Império, presidente do Banco do Brasil e Oficial da Ordem da Rosa. Paulista de nascimento, faleceu nonagenário em 1908 em Campinas, onde residiu nos últimos anos de sua vida fecunda. Foi notável memorialista e excelente poeta.

No Bairro do Bosque, ligando as ruas Boaventura do Amaral e Antônio Cesarino, corre a Rua Carlos Ferreira. É nome de um dos grandes poetas que passaram por Campinas, onde ele foi continuador da obra de Quirino dos Santos na redação da **Gazeta de Campinas**. Era gaúcho, nascido em 1848. Amigo de Castro Alves de quem fora colega na Academia de Direito de São Paulo, tornou-se também notável poeta. Publicou muitos livros e seu nome até hoje continua mencionado pela crítica literária que o inclui na corrente simbolista brasileira. Conheci-o pessoalmente em minha infância; foi pouco antes de sua morte ocorrida em 1913, quando ele se encontrava em Campinas, hospedado em casa de seu conchudo Alberto Nascimento (irmão do conde Asdrubal Nascimento), casado com Vitalina Ferraz dos Santos que era prima de minha mãe. Já era sexagenário e tabético; entre minhas impressões permaneceu inesquecível o tremor permanente de suas mãos esguias e muito brancas.¹

Uma pequena rua na Vila Industrial, ligando a Sales Oliveira à Vinte e Quatro de Maio, chama-se Benedito Otávio. É homenagem de Campinas a um de seus grandes filhos que, sem dúvida, mereceria melhor preito. Foi poeta, dramaturgo, historiador e jornalista. Pertenceu à Academia Paulista de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

(1) A rua Carlos Ferreira, aqui evocada, desapareceu com a construção da nova Via Expressa^o Aquidabã. Quando integrante da Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos tivemos oportunidade de propor que o nome do ilustre poeta e jornalista fosse dado a outra rua (das muitas ainda sem denominação) para que não desaparecesse de vez a homenagem a um dos grandes vultos do passado de Campinas. Nossa proposta, embora aprovada pela Comissão de Nomenclatura, não foi até hoje atendida pela Municipalidade. ONM

Secretário da Câmara Municipal, teve oportunidade de manusear toda a documentação histórica da cidade, o que enriqueceu de autenticidade seus importantes trabalhos sobre a história local. Sua obra é volumosa, mas esparsa. Influuiu grandemente no meio intelectual campineiro no início do século. Conheci-o pessoalmente e, por várias vezes, visitei-o em casa. Já era quinquagenário em 1923. Depois de sua morte, ocorrida em 1927, seu genro (Flamínio ?) pôs à venda sua biblioteca que, assim, se dispersou.

Começo a descobrir as ruas que ostentam nomes de poetas amigos e contemporâneos, muitos deles profundamente arraigados à minha afeição. Na Vila Itapura, a Rua Álvaro Miller vem reavivar minha lembrança e transportar-me para a época de minha adolescência, quando ingressei no Ginásio de Campinas, em 1916, onde ele era um dos catedráticos e foi meu professor. Não era campineiro, mas sua extensa cultura e penetrante inteligência contribuiu substancialmente para o aprimoramento da intelectualidade local. Professor emérito, brilhante jornalista, apreciado poeta e orador excepcional, foi incansável estimulador dos estudantes e um dos esteios do Centro de Ciências, Letras e Artes. Herdeiro de seu talento foi o filho Alvarito Miller, campineiro, meu dileto amigo e colega, desde os bancos ginasiais. Éramos quase vizinhos e os quintais de nossas casas confinavam pelo fundo, cujo muro divisório transpúnhamos frequentemente para reuniões mais ou menos secretas, pois destinavam-se à leitura de obras fortemente realistas e naturalistas que Alvarito trazia sub-repticiamente da opulenta biblioteca do pai. Terminado o Ginásio, ele foi para o Rio de Janeiro estudar medicina, só regressando depois de formado. Nesse período revelou-se finíssimo poeta e depois de 1925 colaborou intensamente na **Gazeta de Campinas**, de que foi um dos redatores. Eu já deixara a redação em fins de 1924. Transferiu-se depois para São Paulo, onde era oftalmologista conhecido. Lá nos reencontramos várias vezes, pelos anos de 1939 ou 1940, pois residíamos no mesmo bairro. Faleceu em 1968 e seu nome figura numa das ruas do Jardim Nova Europa.

Outro logradouro que perpetua o nome de um catedrático do Ginásio de Campinas, também poeta e dos mais distintos, é a rua Dr. João Keating, no Jardim Novo Botafogo. Este meu saudoso professor de francês foi um dos mais finos cavalheiros que conheci. Revejo-o como era há mais de meio século, com seu ar tristonho, magro, cofiando um cavanhaque tratadíssimo, sempre impecavelmente trajado, gestos lentos e posturas aristocráticas. Poeta de fina sensibilidade, crítico sutil, acompanhava o movimento literário de Paris, onde todos os anos ia passar as férias de intelectual solitário; lá divulgava os poetas brasileiros por meio de versões

de sua autoria. Era francês nato, poliglota e senhor de grande cultura clássica.

Tão merecida como a homenagem prestada a João Keating foi a que teve por objetivo outro catedrático do Ginásio de Campinas, o saudoso professor Otoniel Mota, cujo nome se perpetua numa das ruas do Jardim Leonor. Mestre do vernáculo, filólogo de reconhecida cultura clássica, era também poeta corretíssimo, senhor de uma poesia serena e cheia de simplicidade. Procurava transmitir a seus alunos o gosto das belas-letras, fluindo beneficentemente na vocação literária da mocidade estudiosa de Campinas. Depois de ser seu discípulo de 1916 a 1919, só fui reencontrá-lo em São Paulo muitos anos decorridos, já encanecido, dedicando-se a estudos históricos.

Amilar Alves, nome de uma rua no bairro chamado João Jorge, na Ponte Preta, vem lembrar-me uma época pré-ginasial, em que, ainda menino, eu freqüentava aulas de catecismo no Externato São João. O oratório festivo desse estabelecimento promovia espetáculos teatrais a que Amilar Alves emprestava sua sábia orientação, pois era autor de comédias e sainetes, além de excelente poeta humorístico. Desse tempo recordo-me dos padres José dos Santos e Henrique Piralli, cujos nomes também designam duas ruas: uma no Jardim Aurélia e outra na Vila Industrial.

Ao topar com a Rua Hilário Magro Júnior, no bairro do Bosque, novas recordações da adolescência me assaltam; conheci-o já em idade proecta e só muito mais tarde vim a saber que na mocidade ele fora um poeta cheio de lirismo e pertencera ao grupo de literatos fundadores de **A Sensitiva**, a primeira folha campineira dedicada exclusivamente à literatura, isso em 1873. Não era nascido em Campinas. No fundo de minha memória se ensaia uma ligação vaga entre seu nome e a Escola de Comércio "Bento Quirino", mas não me lembro com que fundamento. A mesma ligação com essa escola, mas agora com segurança, traz-me o nome da Rua João Ribas de Ávila, no Jardim Bela Vista; por algum tempo, pelos anos de 1920 ou pouco mais, ele foi professor de português naquele curso comercial. Era campineiro nato, mas passou grande parte de sua vida fora da cidade natal. Era um poeta romântico e na mocidade colaborou em jornais e revistas locais. Conheci-o pessoalmente, quando se dedicava exclusivamente à advocacia.

A Rua Rafael Andrade Duarte, que liga a avenida Morais Sales à Rua José Ferreira de Camargo, na Nova Campinas, representa o justo preito da cidade a um de seus mais ilustres filhos, nascido em 1867, o qual por mais de uma vez foi vereador e prefeito local. Historiador e cronista da cidade, autor do livro **Campinas de Outrora**, foi literato culto e em diversas épocas compôs excelentes versos romântico-parnasia-

nos. Diretor e grande animador do Centro de Ciências, Letras e Artes, colaborou com assiduidade em sua revista. Conheci-o pessoalmente e ainda o revejo em sua postura cheia de afabilidade e refinada distinção. Faleceu nonagenário em 1958.

Outro poeta de trato afabilíssimo e cheio de bondade foi o italiano Vicente Melilo. Tinha uma alma repleta de pureza e acendrado espírito cristão. Residiu desde menino em Campinas, mudando-se para São Paulo cerca de 1920. Lá fui encontrá-lo várias vezes em 1921; ele promovia reuniões artísticas e literárias na União Santo Agostinho, no Largo da Sé, onde sua filha, a poetisa Santa Melilo declamava seus versos. Faleceu em 1969 com mais de oitenta anos de idade. Campinas o relembra na rua que tem seu nome, na Vila Teixeira. A homenagem deve ter sido ao grande filantropo que ele foi.

Na Vila Georgina deparo com a Rua Francisco de Campos Abreu, jornalista e poeta que conheci em minha mocidade; nesse tempo ele já deixara a redação do **Comércio de Campinas** e era funcionário da polícia local. Em 1937, parece que era Diretor do Expediente da Prefeitura.

O velho Largo do Rosário, ponto inesquecível de todos os campineiros, teve o nome mudado para o de um também inesquecível poeta, filho de Campinas: Praça Guilherme de Almeida.² Jamais uma homenagem desse gênero tocou tão profundamente minha sensibilidade. Considerado um dos grandes poetas brasileiros, foi um dos príncipes de nossas letras; obteve honrarias sem-número, não só em nosso país como no exterior. Foi exclusivamente poeta e nisso digno e perfeito. Mas minha saudade vai buscá-lo no tempo em que estreou com o lirismo romântico de **Nós** (1917) e logo depois com **A Dança das Horas** (1919) e o **Livro de Horas de Soror Dolorosa** (1920). Esse foi um dos poetas brasileiros de minha primeira admiração pela delicada sensibilidade de sua poesia de meios tons, metrificada musicalmente. Não o conheci em Campinas, de onde ele se foi ainda menino, mas em São Paulo, já no auge de sua gloriosa carreira, encerrada em 1969, aos 79 anos de idade.

(2) Houve, aqui, pequeno engano do autor. Não foi o Largo do Rosário que teve o nome alterado para "Guilherme de Almeida". O nome do grande poeta campineiro foi dado à praça que resultou da demolição da Igreja do Rosário, limitada pelas avenidas Campos Sales e Francisco Glicério e pelas ruas General Osório e Regente Feijó. O velho Largo do Rosário continua designado por este nome, embora oficialmente se chame Praça Visconde de Indaiatuba. Mas quem o conhece por este nome, se até na propaganda comercial aparece sempre a indicação "Largo do Rosário", com total desprezo pelo nobre campineiro? E apesar de as placas ostentarem o seu nome... O mesmo ocorre — vale lembrar como outra curiosidade de nossa nomenclatura urbana — com o Largo da Catedral, que toda a vida se chamou Praça José Bonifácio, nome que, tal como noutra caso, nem na propaganda comercial é empregado. E mais grave ainda, porque, com a construção do chamado "Convívio", é este o nome atualmente utilizado para designar o tradicional logradouro. ONM

O poeta Moacir Chagas, que não era campineiro, empresta seu nome a uma rua na Vila Paraíso, por ter sido jornalista em Campinas, por pouco tempo. Mas sua poesia era de excelente neoparnasiano. Conheci-o de passagem em palestras rápidas e superficiais.

Lino Guedes é nome de rua no Jardim Paulistano. Lembro-me bem dele, que não era campineiro; trabalhou na redação do **Diário do Povo** e, por mais de uma vez foi visitar-me na **Gazeta de Campinas**, onde fui redator literário e cronista de arte até fins de 1924. Nessa época ele já se mudara para São Paulo, onde faleceu em 1951. Era de raça negra e tinha um modo de falar nervoso, com gesticulação exuberante. No fundo era *um idealista sincero*.

Outro que me visitava na redação da **Gazeta de Campinas** era Manuel Barradas, português, que escrevia versos românticos. Boêmio e seresteiro, tocava guitarra e às vezes, nas noites de lua, com sua longa capa negra esvoaçante, evocava os estudantes de Coimbra, a cantar pela rua dolentes fados, alguns com letra de sua autoria. Colaborava no **Ferrão**, semanário irreverente de propriedade de José Capolupo. Faleceu com menos de quarenta anos e seu nome figura numa das ruas do Jardim Paraíso.

No Taquaral uma rua recorda o Dr. Mário Natividade, professor muito conhecido por ter exercido o magistério em vários colégios locais. Era poeta piedoso e místico. Conheci-o apenas de vista, no Centro de Ciências, Letras e Artes, de que ele era assíduo freqüentador.

Fui amigo e companheiro de Tasso Magalhães até 1924; ele no **Diário do Povo** e eu na **Gazeta de Campinas**. O antagonismo político dos jornais não nos separava e muitas vezes, nas tardes de verão, íamos saborear nossos chopos no bucólico restaurante do Bosque dos Jequitibás e ali recitávamos e cantávamos sem que ninguém viesse perturbar a euforia de nossa mocidade. Vi-o pela última vez no Rio de Janeiro, depois da segunda guerra mundial. Ainda usava a indefectível flor à lapela. A cidade se lembra dele mais como jornalista, mas na mocidade foi poeta e publicou esparsamente seus versos. Hoje seu nome figura numa das ruas do Jardim Madalena.

Foi por essa época, cerca de meio século atrás, que conheci Alexandre Chiarini; leu-me versos de sua autoria e propus-me a divulgá-los na seção literária semanal da **Gazeta de Campinas**, pois eram bem compostos. Era professor e parece que ainda estava estudando Direito. Não mantivemos grande intimidade. Uma rua com seu nome situa-se no Jardim Lúdia.

A Rua Orlando Carpino, no Jardim Chapadão, evoca o moço poeta que amava estremeçada e orgulhosamente sua cidade natal, cujo nome ele estampou no título da revista que dirigiu: **Campinas**. Conheci-o

ainda muito jovem, cheio de ideais, mas sem a cultura suficiente para as realizações que pretendia. Faleceu em 1935 com 25 anos de idade.

Ao deparar com a Rua Cosme Pellegrini, na Vila Georgina, a memória leva-me à infância. Foi meu colega no 1º Grupo Escolar, onde ingressamos em 1911. Desde criança era tímido e silencioso. Depois do curso primário fui para o Ginásio do Estado e perdi-o de vista. Reencontrei-o já moço, compondo versos de tendências espiritualistas. Soube que fundou algumas revistas literárias, depois de 1924.

Ao sugerir-me a recordação do 1º Grupo Escolar uma suave ternura me invade o coração e assisto a um desfile de carinhosos fantasmas de minha meninice. Aqueles que me abriram as janelas da catedral do Alfabeto e dos conhecimentos primários para os encantos da vida passam em silenciosa caravana: D. Sofia, D. Sintota, D. Clotilde, João Marcílio, Aristides Gurjão, César Cardoso e a boníssima servente D. Amália. E como pessoa viva, aquela árvore que plantei cantando junto ao portão de entrada, num longínquo dia de Festa das Árvores... Deus abençõe a todos os professores do mundo.

Outro colega de infância, cujo nome foi perpetuado numa das ruas da Vila Marieta, chamava-se Álvaro Vilagelin. Desde menino foi desinibido e peralta. Não quis prosseguir nos estudos secundários e se tornou ativo repórter, talvez influenciado por seu tio Alberto Rodrigues Sarmiento, o mais conhecido dos repórteres campineiros, de que foi decano. Álvaro trabalhou comigo na **Gazeta de Campinas**. Espírito inventivo e muito crítico, dotado de penetrante observação, compunha paródias humorísticas, muitas delas hilariantes. Mas a par disso era no fundo um poeta sentimental e romântico. Seu pai, José Vilagelin, foi meu professor de desenho no Ginásio de Campinas, em 1916.

Quase não encontro mais nomes de poetas nas ruas de Campinas; mais antes de encerrar este roteiro, obriga-me a saudade a intercalar dois nomes de intelectuais amigos (embora não poetas) que se ligam a logradouros campineiros. Hildebrando Siqueira é um deles. Conheci-o há meio século atrás, quando ele frequentava a redação da **Gazeta de Campinas** em horas de tertúlias literárias. Estava escrevendo um livro de aforismos e comentários estéticos e filosóficos, cujo título seria **O Castelo pegou fogo**. Só foi publicado muitos anos depois, em formato pequeno. Hildebrando e eu nos ligamos por uma bela amizade. Ele não era campineiro e, salvo engano, nascera em Serra Negra.³ Admirava entusiasticamente os modernistas de São Paulo que acabavam de realizar

(3) De fato, houve engano do autor. Hildebrando Siqueira, embora tenha vivido boa parte de sua vida em Serra Negra, era natural de Piracicaba, onde nasceu a 5 de novembro de 1904. Vindo para Campinas, aqui faleceu a 7 de novembro de 1946, dois dias apenas após ter completado 42 anos de idade. ONM

os três tumultuosos espetáculos que entraram para a historiografia literária brasileira com a denominação de Semana de Arte Moderna. Na época apelidavam-se “futuristas” ou “novos”. Criamos então uma seção literária semanal na **Gazeta de Campinas**, intitulada **Seção dos Novos**, expressão propositadamente ambígua que poderia acolher tanto a colaboração dos partidários do modernismo (os **novos**) como a participação dos plúmbeos incipientes, novas vocações desejosas de expressar seu talento em letras de forma. Todavia, as agressivas irreverências dos novos postulados estéticos do movimento paulistano não obtiveram acolhida favorável nas rodas intelectuais campineiras, sempre oprimidas pelos conservadores critérios da predominante moral burguesa. E a seção literária da **Gazeta** modificou logo sua denominação: o rodapé semanal passou a chamar-se apenas **Literatura**

Planejamos também naqueles áureos tempos de sonho escrever em colaboração uma pretensiosa **História da Literatura Campineira desde suas origens até a era de 1922**: Hildebrando elaboraria a parte destinada aos prosadores e o estudo dos poetas e seus estilos ficaria a meu cargo. A iniciativa estacionou já na fase de coleta de notas, pois a pesquisa se tornou difícilíssima por estarem muito fora de nosso alcance as poucas fontes documentais. De minha parte, o que restou desse plano irrealizado está consubstanciado resumidamente no **Panorama da poesia em Campinas até 1920**, pequeno ensaio que compus cinquenta anos depois, fundamentado em algumas anotações daquele tempo e, principalmente, na memória.⁴

Abandonando meus ideais românticos e artísticos para trocá-los por uma carreira confortável, deixei Campinas em princípios de 1925 e não tive mais oportunidade de encontrar-me com Hildebrando Siqueira, que também se mudara de lá. A última notícia que me chegou a seu respeito (eu então já estava residindo no Rio de Janeiro) foi a de seu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a cujo sodalício eu pertencia desde 1936. Deve ter falecido em Serra Negra, cuja história escreveu, e onde exercia o cargo de secretário da Câmara Municipal. A rua com seu nome situa-se no Cambuí.

O outro intelectual que devo evocar, embora também não fosse poeta, é o saudoso Roberto Thut. Este foi amigo querido e inseparável desde os bancos ginasiais. Era campineiro, nascido no antigo bairro do Frontão (Cambuí) onde seu pai era grande proprietário de casas de aluguel. Descendia de brasileiros, mas seus avós eram suíços e alemães e essa origem estrangeira deu começo à nossa amizade. Conheci-o em 1916,

(4) Este magnífico ensaio de Aristides Monteiro, publicado originariamente na imprensa, foi editado em volume pela Academia Campinense de Letras, em 1976, com apresentação e notas de Hílton Federici. Constitui o vol. 34 da série de Publicações da Academia, ONM.

durante a primeira grande guerra. No Ginásio, no intervalo das aulas, certo dia alguns patriotas, provocadores e exaltados, tentaram agredi-lo por sua ascendência germânica, no que foram impedidos devido a uma intervenção enérgica de minha parte. À noite, em casa, recebi sua visita; vinha hipotecar-me sua gratidão pelo meu gesto e oferecer-me sua incondicional amizade. Desde então nos tornamos inseparáveis, embora ele tivesse abandonado o Ginásio no 2º ano. Em 1919 admitimos em nossa intimidade o jovem poeta russo Ivã Chavirin, um pouco mais velho que nós, mas contemporâneo no Ginásio. Mais tarde (1921), Chavirin morou comigo em São Paulo, numa república no Brás; a ele devo o conhecimento das obras de Puchkine e Lermontov. Em 1920 freqüentávamos os três a redação do **Comércio de Campinas**, cujo redator era Benedito Cavalcante. Este jornal encerrou suas atividades e suas oficinas foram adquiridas por membros do Partido Republicano Paulista, que, em meados de 1921, implantaram a segunda fase de seu tradicional órgão, a **Gazeta de Campinas**. Os historiadores da imprensa campineira quase sempre cometem omissões ao relacionar seus redatores no período de 1921 a 1924. Os primeiros foram sucessivamente: Orestes de Moraes Alves, Ernesto Kuhlmann e Galdino de Moraes Alves, irmão do primeiro. Redator-secretário foi sempre Benedito Cavalcante, vindo do **Comércio de Campinas**. No ano de 1921 fui para São Paulo em continuação de estudos e por influência do poeta Aristeu Seixas, ingressei na redação do **Correio Paulistano**. Ivan Chavirin, que fora em minha companhia, passou a trabalhar no **Jornal do Comércio**. Roberto Thut, que ficara em Campinas, foi convidado por Ernesto Kuhlmann para ser auxiliar da gerência, no setor de administração da **Gazeta de Campinas**. Devo a ele a primeira publicação de meus versos nesse jornal, onde logo depois, regressando a Campinas, passei a exercer o cargo de redator literário e cronista de arte, já quando o redator era Galdino de Moraes Alves. Roberto Thut já fora promovido a gerente e seu auxiliar era João Batista de Sá (Jolumá Brito). Catequizado pelo Galdino, que lhe serviu de padrinho, batizou-se na Igreja Católica; durou pouco a conversão, tendo retornado ao ateísmo. Por esse tempo sua família já se havia transferido definitivamente para São Paulo; Roberto Thut deixou a gerência da **Gazeta**, cujo redator-chefe era então José Dias Leme, um de seus grandes amigos.

Em fins de 1924 também deixei a redação para ingressar no Banco do Brasil em princípios de 1925. Na nova profissão residi durante três anos em Bebedouro e Roberto Thut manteve comigo ininterrupta correspondência, até nos encontrarmos novamente em São Paulo em 1928. Até então ele não se habilitara a escrever para jornais; mas era autodidata esforçadíssimo. Manifestou-me sua curiosidade pela Heráldica, que desde os tempos de Campinas eu estudava; passei a emprestar-lhe meus livros e as primeiras orientações para um aprendizado metódico; assim também quanto à retórica e a estilística. Mercê de sua poderosa força de vontade,

tornou-se excelente heraldista e passou a colaborar em **O Estado de São Paulo**, em cuja redação mantinha boas amizades. Empregara-me no Serviço de Identificação da Secretaria da Justiça e, solteirão impenitente, residia num apartamento da rua Vitória, só com seus livros, seus desenhos e seus selos, pois também era um grande e emérito filatelista, dos mais renomados em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Levou-me uma vez à casa de seu chefe, o Dr. Ricardo Gumblenton Daunt Neto, que guardava com respeitoso carinho muitos papéis e documentos que haviam pertencido a seu ilustre avô, que fora o idealizador do brasão de Campinas, em 1889. Veio-nos a vontade de estudar a história da pedra-de-armas de nossa cidade natal. Depois das necessárias pesquisas e anotações, encarreguei-me da redação de um ensaio crítico-heráldico-histórico e Roberto Thut das respectivas ilustrações, inclusive trabalho fotográfico. Surgiu então **A Pedra-de-Armas de Campinas**, publicada em 1936 no número XXVIII da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. Esse trabalho motivou a correção do brasão pela edilidade campineira, de acordo com a Resolução nº 1001, de 25 de setembro de 1937, assinada pelo prefeito João Alves dos Santos.⁵ Nesse tempo fazíamos parte do Instituto de Estudos Genealógicos de São Paulo. Eu já pertencia ao Instituto Histórico desde 1936 e cerca de um ou dois anos depois nele ingressou Roberto Thut, que já se tornara fecundo publicista, divulgando seus estudos sobre a história dos correios de Campinas, outros assuntos filatélicos, pesquisas heráldicas e trabalhos relativos à datiloscopia. Continuamos íntimos amigos até 1942, quando me transferi para o Rio de Janeiro. Daí por diante somente nos comunicávamos por carta, até pouco antes de seu falecimento. Segundo narrativa de pessoa da família, desde 1950 Roberto Thut passara a dar demonstrações de desordem mental, internando-se então no Instituto Pinel.

Seu estado foi-se agravando e, numa noite chuvosa de julho, de intenso inverno paulistano, ele, já desassisado, esgueirou-se para o jardim do sanatório, vestindo apenas o pijama sem qualquer outro agasalho; pela manhã encontraram-no caído num dos canteiros, enregelado, mas ainda com vida. Recolhido à enfermaria, faleceu vitimado por violenta pneumonia, aos quarenta e nove anos de idade. Era o dia 26 de julho de 1950. Em Campinas, três dias depois, ao tomar conhecimento da dolorosa notícia, seu amigo José Dias Leme endereçou carta ao redator do **Correio Popular**, que a publicou na edição de 2-8-1950; nela o missivista pedia a atenção da Edilidade campineira para a justiça que representaria um ato oficial que desse o nome de Roberto Thut a uma das ruas de Campinas. O apelo teve eco e hoje lá está a rua, na Vila Industrial, ligando a Avenida Ipiranga à Rua Francisco Teodoro.

(5) O assunto foi retomado pelo autor no belo livro **Insignias de Campinas e sua história: conceitos de heráldica municipal**. Rio de Janeiro, 1978. ONM

Quando José Dias Leme teve a iniciativa daquela homenagem a Roberto Thut, nem de leve lhe passaria pela mente a idéia de que menos de dois anos depois seu próprio nome iria ser conferido solenemente a um dos logradouros campineiros. Era grande demais sua modéstia para que cogitasse dessa pretensão; mas seu valor era muito maior e sua vida e suas obras já se haviam projetado profundamente na sensibilidade das rodas intelectuais e no conceito da sociedade local. No bairro da Ponte Preta, ligando as ruas Vitoriano dos Anjos e Henrique Dias, uma rua chamada José Dias Leme atesta a homenagem que em 1953 lhe ofereceu o povo campineiro. Mas para mim esse nome encerra significado muito mais profundo; representa um mundo de recordações, um pedaço de minha vida.

José Dias Leme, além de grande e leal amigo, era meu cunhado, quase irmão. Nasceu em Santo Amaro (SP) aos 26 de novembro de 1891 e faleceu a 27 de fevereiro de 1952 em Campinas, onde viveu durante trinta anos, metade de sua existência. Seu pai, que conheci por ocasião de uma visita que lhe fez, foi professor primário em Piraçununga e na então Vila Americana. Era teatrólogo e exímio violinista, mas sobretudo excelente pedagogo. Um grupo escolar em Americana tem hoje seu nome: Inácio Dias Leme. Tive oportunidade de manusear grossos cadernos escritos em caprichado cursivo onde se reuniam as peças teatrais de sua autoria, guardados carinhosamente pelo filho. As tendências literárias do genitor influíram fortemente no temperamento de José Dias Leme. Desde muito moço revelou irresistível vocação para o jornalismo. Seus primeiros passos na imprensa foram ensaiados em Piraçununga, onde fez seus estudos primários na escola em que seu pai era professor. Mais tarde, foi ali redator de **O Jornal**. Os estudos secundários se completaram no Seminário Episcopal de Pouso Alegre. Daí por diante foi um autodidata metódico e consciente.

A literatura o atraiu desde cedo; na adolescência já era poeta cheio de lirismo ingênuo, evoluindo para um romantismo puro, envolvido em terna sensibilidade. Seus versos passaram a ser publicados em jornais e revistas e tornaram-se conhecidos em todo o interior do Estado de São Paulo. A divulgação mais intensa foi realizada pelo jornal **O Pindorama**, de que ele foi redator na então Vila Americana. Conheci em sua casa uma coleção encadernada desse periódico, hoje provavelmente perdida pelo descaso e conseqüente dispersão condenável de sua valiosa biblioteca, depois de sua morte.

Voltando à sua carreira jornalística, vamos encontrá-lo em Barretos, onde no período de 1917 a 1922 foi redator de **O Comércio** e do **Diário**, além de colaborar na **Semana** e na **Colméia**, revistas locais. Ali, sob sua orientação, iniciei minha vida na imprensa em 1918; eu ainda era ginasião e fora passar em sua casa férias forçadas pela gripe espanhola.

Em Campinas, onde fixou residência definitiva em 1922, foi redator-chefe da **Gazeta de Campinas** em 1924 e 1925, em substituição a Galdino de Moraes Alves. Colaborador do **Correio Popular**, já afastado da lide jornalística, contava 55 anos em 1946 quando lhe foi oferecida a chefia da redação desse jornal, distinção que recusou num gesto romântico tão bem evocado por Júlio Mariano, o historiador da imprensa campineira, em conferência proferida no Teatro Municipal e publicada no **Diário do Povo** de 4-5-1958. Como jornalista, José Dias Leme deixou memoráveis artigos polêmicos e encantadoras crônicas literárias na **Gazeta de Campinas** e no **Correio Popular**; teatrólogo, teve o prazer de ver encenadas comédias e sainetes de sua autoria; publicista, divulgou plaquetes e folhetos sobre variadas teses, inclusive conferências e discursos que pronunciou; e como literato escreveu romances no gênero descritivo e psicológico, de fundo sentimental. Transparece de tudo isso a sua impressionante versatilidade intelectual combinada com penetrante inteligência e uma notável capacidade de realização. Mas de todas essas belas facetas de seu temperamento eu prefiro o poeta, pela pureza de seus anseios, pela sua expressiva simplicidade e pela ternura lírica de sua inspiração. E essa poesia simples e franca foi permanente em toda a sua vida e envolveu todas as suas atitudes, sendo responsável pelo melhor de seus dotes: o lado profundamente humano de seu coração e a melancólica e compassiva compreensão de sua alma diante da fraqueza dos homens. Este é o José Dias Leme que vive em minha memória. Além da rua com seu nome, muitas homenagens lhe foram prestadas postumamente. Uma das mais significativas foi a solene inauguração de seu retrato pela Associação Campineira de Imprensa, na "Galeria da Saudade" em sua sede social, no dia 15 de junho de 1958. Até hoje, artigos e crônicas de jornalistas que o conheceram continuam a rememorar sua passagem inconfundível pela imprensa campineira. Grande parte de seus trabalhos literários restou esparsa em jornais e revistas e infelizmente não enfeixou seus versos em livros. Das obras em prosa são conhecidas a novela **Lembrança de um nome**, as peças teatrais **Aromas do Crepúsculo** e **Regina**, ambas encenadas em Campinas; os romances **A Canção dos Olhos Verdes**, **A Ilha da Esperança** e outro planejado com o título **Quando as paineiras florirem**; e a conferência proferida em 1937 no Centro de Ciências, Letras e Artes sobre **Gustavo Teixeira, o Poeta da Solidão e da Renúncia**, edição da Casa Livro Azul.

Além dos que encontrei nesta peregrinação, nas ruas de Campinas não há mais nomes de poetas mortos, campineiros natos ou filhos de outras cidades, que viveram sob seu céu. Como vimos, são poucos e é possível que Campinas tenha cometido injustas omissões. O tempo, que é o grande mestre, há de naturalmente corrigi-las com dignidade.

(Publicado originalmente no **Correio Popular**, de Campinas, nos dias 29 e 30 de setembro, 3, 4 e 5 de outubro de 1972.)